

ELISA COMANDULLI RUPPENTAL

QUERIDO DIÁRIO: 8 DIAS, 96 HORAS, 137 IMAGENS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Tecnologia em Fotografia da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Técnico em Fotografia.

Orientador (a): Profa. Dra. Silvana Boone

CAXIAS DO SUL

2018

Para mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, com todo meu amor e gratidão às amigas Maria Julia Corrêa (Maju), Carolina Luchese (Carolzinha), Júlia Aguiar (amo) e Gabriela Slavieiro (Gabe), por estarem presentes, me ajudando e fortalecendo todo o processo de desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço à minha mãe, Ivone Comandulli e ao meu irmão, Marcus Comandulli, pela paciência em suportar meus momentos de estresse e ao carinho e o amor sempre demonstrados em suas ações cotidianas.

Agradeço novamente à minha mãe e à minha tia Nilva Comandulli, por sempre encontrar uma maneira de pagar as mensalidades para que fosse possível me matricular e assim concluir esta Graduação.

Agradeço ao meu pai, David Ruppental, pelas coisas que ele deixou de me ensinar.

Agradeço à todas as minhas amigas e amigos por sempre me lembrar de ver o processo desse trabalho com otimismo.

Agradeço aos meus colegas do Cetel por serem pacientes e me ajudarem todos os dias.

E por fim, agradeço minha orientadora, Professora Silvana Boone por todo o suporte e conversas.

Tem as pessoas que eu amo;

Tem as pessoas que eu não amo;

Mas tem você, que eu amo de vez em quando.

Leticia Letrux

RESUMO

O presente trabalho busca investigar os conceitos de narrativa e vida íntima na fotografia documental por meio da criação de um diário visual, pensado sob a ótica da arte contemporânea. Foram investigadas as artistas Nan Goldin, Corinne Day e Hiromix para exemplificar a abordagem pessoal dada ao diário, pois se apropriam das relações pessoais e do cotidiano e suas fotografias exemplificam os conceitos abordados principalmente pela autora Charlotte Cotton. Este trabalho busca apresentar como as relações e a rotina aproximam e relacionam o fotógrafo diretamente com seu tema, criando possibilidades de transmitir através de suas imagens fotográficas, sua vida pessoal de maneira subjetiva.

Palavras-chave: Narrativa; Vida Íntima; Cotidiano; Diário.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - Soliloquy IV, de Sam Taylor Jhonson, 1998.....	13
FIGURA 02 - Soliloquy III, de Sam Taylor Jhonson, 1998.....	13
FIGURA 03 - The Guest Room, de Sarah Jones.....	15
FIGURA 04 -Retired man and his wife at home in a nudist camp one morning, de Diane Arbus, 1963.....	18
FIGURA 05 - A jewish giant at home with his parents in the Bronx, NY, de Diane Arbus, 1970.....	19
FIGURA 06 - Identical twins, Rosele, New Jersey, de Diane Arbus.....	20
FIGURA 07 - Self-portrait, de Vivian Maier, 1954.....	21
FIGURA 08 - New York, de Vivian Maier.....	23
FIGURA 09 - Self-portrait, de Vivian Maier, 1955.....	23
FIGURA 10 - Nan and Brian in bed, New York City, de Nan Goldin, 1983.....	27
FIGURA 11 - Pic-nic on the Esplanade, de Nan Goldin, 1973.....	28
FIGURA 12 - Nan on Brian's lap. Nan's birthday, New York, de Nan Goldin.....	30
FIGURA 13 - Brian with the Flintstones, de Nan Goldin, 1981.....	31
FIGURA 14 - Diary, 05/10/200, de Corinne Day.....	33
FIGURA 15 - Diary, 05/10/200, de Corinne Day.....	34
FIGURA 16 - Sem título I, de Hiromix.....	35
FIGURA 17 - Sem título II, de Hiromix.....	36
FIGURA 18 - Sem título III, de Hiromix.....	36
FIGURA 19 - 18:00h, da segunda-feira, dia 07/05/2018.....	40
FIGURA 20 - 14:00h, de terça-feira, dia 08/05/2018.....	41
FIGURA 21 - 16:00h, da quinta-feira, dia 10/05/2018.....	41

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. FOTOGRAFIA COMO NARRATIVA	11
3. FOTOGRAFIA DOCUMENTAL NA ARTE CONTEMPORÂNEA	17
3.1 FOTOGRAFIA DE VIDA ÍNTIMA	25
3.1.1 NAN GOLDIN	25
3.1.2 CORINNE DAY	32
3.1.3 HIROMIX	34
4. QUERIDO DIÁRIO: 8 DIAS, 96 HORAS, 137 IMAGENS	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICE.....	49

1. INTRODUÇÃO

Ao finalizar o Curso de Técnico em Fotografia foi possível fazer uma análise dos conceitos teóricos abordados em todas as disciplinas e verificada a importância de todas as técnicas apreendidas para buscar um direcionamento ao que realmente faz sentido numa produção fotográfica, a partir das intenções e do que se deseja com um determinado trabalho.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo desenvolver uma produção fotográfica documental cujo foco é o cotidiano e as convivências íntimas, representados através de um diário fotográfico da vida da autora, intitulado “Querido diário”.

Os conceitos abordados partem do conhecimento de que é por meio das relações e de pequenos instantes cotidianos que se criam e se preservam referências, memórias e sentimentos. Nesse sentido, o tema do projeto ganha características extremamente subjetivas, visto que as relações e as vivências contribuem na construção de uma identidade, perante as formas de pensar, agir e compreender as intenções da vida.

Destaca-se a importância do registro fotográfico de instantes considerados banais da vida pessoal, tais como almoçar, falar ao telefone ou tomar banho para criar uma narrativa visual de caráter documental de caráter documental, onde o registro do íntimo gera novos olhares e percepções desses momentos.

A partir do estudo do acervo fotográfico da autora, de instantes cotidianos e íntimos com seus amigos e familiares, procurou-se aprofundar e compreender, com maior embasamento, a inserção da fotografia documental no cenário da arte contemporânea, construída e representada através de cenas cotidianas. A fotografia documental no cenário contemporâneo, apresenta-se de forma diferenciada devido ao desenvolvimento de novas linhas estéticas, do modo de abordagem de seus objetos, e também da própria concepção de fotografia. Assim, a fotografia documental contemporânea se vê cada vez mais inserida no contexto da arte. Através dessa nova vertente representada através da vida íntima e a partir das investigações teóricas, busca-se analisar de que forma o registro documental do cotidiano de uma pessoa pode ser considerado uma narrativa visual no campo da arte. O principal aporte teórico deste trabalho é o livro de Charlotte Cotton (2010), intitulado de *A*

Fotografia como Arte Contemporânea, e as referências visuais inicialmente investigadas foram os trabalhos de fotógrafas de épocas distintas, como Vivian Mayer (1926-2009), Diane Arbus (1923-1971) e posteriormente Nan Goldin (1953).

Após a construção teórica do trabalho, desenvolveu-se a produção de uma série fotográfica pessoal em forma de narrativa. Os cenários onde as fotografias foram realizadas são os locais vividos e frequentados pela autora, visto a importância dos lugares externos para o contexto da pesquisa. Essa produção se apresenta em forma de um diário pessoal.

Assim, este Trabalho de Conclusão de Curso foi dividido em cinco capítulos, considerada integrante esta Introdução. O segundo capítulo aborda a construção de narrativas feitas a partir das fotografias do cotidiano, buscando referências na autora Charlotte Cotton, que ressalta a compreensão de um conceito considerado subjetivo para uma narrativa fotográfica, e, posteriormente, a autora Maria Short que destaca a conotação de como construir tecnicamente uma narrativa. Para exemplificar as questões abordadas são citadas as artistas Sam Taylor Jhonson (1967) e Sarah Jones (1959).

O terceiro capítulo contextualiza a forma que a fotografia documental passa por mudanças e cria novos meios para ser explorada, resultando sua introdução em galerias de arte, e interpretando-se a partir de novas percepções. Também é contextualizada a interpretação da vida íntima na fotografia, sendo exemplificada através de artistas que registram instantes cotidianos considerados triviais, com subjetividade e sensibilidade, como Nan Goldin (1953), Corinne Day (1965) e Hiromix (1976).

O quarto capítulo descreve o processo de criação da produção fotográfica, resultando em um diário pessoal, onde o cotidiano da autora foi apresentado e representado através da fotografia.

Por fim as considerações finais que analisam e concluem os resultados do trabalho.

2. FOTOGRAFIA COMO NARRATIVA

As primeiras investigações deste trabalho se dão a partir da fotografia como narrativa, buscando justificar a produção das imagens feitas a partir da vida cotidiana da autora. Acredita-se que, através das fotografias criadas a partir da sua rotina, registrando instantes dos seus dias, seja possível contar sua história através das imagens.

Sabendo que as fotografias são registros feitos a partir do cotidiano, é possível perceber que as imagens possuem uma relação entre elas. Embora elas aconteçam em diferentes instantes e lugares, retratem pessoas distintas de sua vida pessoal, elas representam vivências dessa mesma pessoa. Sendo assim, é importante observar que mesmo em diferentes contextos e situações, as imagens relacionam-se e criam uma narrativa fotográfica neste diário visual.

É através da representação de aspectos emocionais, pessoais e subjetivos na sua composição e linguagem, que estas imagens se tornam presentes no universo da fotografia artística contemporânea. As imagens consideradas como narrativas podem transmitir algo que aconteceu ou que pode vir a acontecer a partir de instantes íntimos cotidianos.

Ao falar da fotografia como narrativa, é possível compreender que ela se torna parte da fotografia artística contemporânea, através de como é transferido para a imagem os acontecimentos de vida pessoal e as abordagens psicológicas do próprio fotógrafo. (COTTON, 2010, pg. 49).

As fotografias se transformam em representações que traduzem diversos sentimentos através do envolvimento do autor com o instante capturado. Os registros, por serem baseados e representados por meio de cenas cotidianas, criam o aspecto de pertencerem a história de vida do artista e "seu significado depende de investirmos na imagem nossas próprias narrativas e conteúdos psicológicos" (COTTON, 2010, p. 49).

Segundo Soares (2015, p.19) "a memória colabora para a construção de uma história" e, com afeto as memórias pessoais e íntimas do fotógrafo, é possível construir uma narrativa. Deixa-se visível, então, através das fotografias, os contos cotidianos de vida, situações de destaque significativo para o artista.

Cada fotógrafo possui um modo particular de contar suas histórias, trazendo suas referências nas imagens, concebido através de experiências e vivências pessoais. Por meio dessas histórias, as imagens irão possuir maior subjetividade, e com isso será possível construir e reconstruir histórias pessoais.

Envolver-se com o tema durante o período de tempo em que se cria as imagens torna-se um requisito muito significativo durante o processo de construir narrativas na fotografia. Quanto maior for a percepção do fotógrafo, melhor será a captura de aspectos simbólicos, alegóricos ou metafóricos de um instante e dessa forma transmitir com maior veracidade suas intenções através de suas imagens. Segundo Short (2011, p.112), "em frações de segundo, o fotógrafo pode perceber como a dinâmica de um instante pode ser condensada em uma fotografia que transmite sua intenção em sua cabeça, olho e coração". Assim, o fotógrafo traduz esses instantes através das suas imagens, de forma que, mesmo que distante, o leitor compreenda a intenção inicial.

Considera-se importante trazer a questão de que a narrativa fotográfica não tem o intuito de reproduzir as imagens vistas em sequência, como é visto nos filmes cinematográficos, e sim, de abordar através da fotografia "o uso de uma linguagem lúdica, com mesclas de imaginação, fatos e ficção para transmitir em seu tema um sentido alegórico e psicológico" (COTTON, 2010, p. 52).

Sendo assim, apresenta-se como referência o trabalho da fotógrafa Sam Taylor Jhonson, artista inglesa, que criou uma série de imagens onde as estruturas das peças principais são inspiradas em obras Renascentistas, representando no painel principal geralmente uma figura solitária e em um painel estreito abaixo, cenas de partes da vida desses personagens (Figuras 1 e 2). Nas suas fotografias ela substitui os santos usados nas pinturas renascentistas, por personagens contemporâneos e urbanos¹.

¹ <http://samtaylorjohnson.com/photography/art/soliloquy-1998-2001>

Figura 1 - Soliloquy IV, de Sam Taylor Jhonson, 1998



Fonte: Sam Taylor Jhonson. Disponível em: <http://samtaylorjohnson.com/photography/art/soliloquy-1998-2001>

Figura 2 - Soliloquy III, de Sam Taylor Jhonson, 1998



Fonte: Sam Taylor Jhonson. Disponível em: <http://samtaylorjohnson.com/photography/art/soliloquy-1998-2001>

Para criar caracterizações boêmias e afetadas, a artista adota um estilo barroco em suas fotografias, além de inserir aspectos da sua vida pessoal, como seus amigos nas cenas. Sendo assim, "Sam Taylor acaba desempenhando o papel de uma pintora cortesã contemporânea, retratando a elite artística e social da qual faz parte" (COTTON, 2010, p. 54)

As fotografias contemporâneas, cujos temas possuem visuais históricos, servem para afirmar que "a vida atual comporta um teor de simbolismo e de preocupação semelhantes aos de outras épocas históricas; ao mesmo tempo reafirmam a posição da arte em sua dimensão de cronista de fábulas contemporâneas" (COTTON, 2010, p. 55).

Por isso pode-se afirmar que, através da fotografia como narrativa, presente na arte contemporânea, se torna possível contar pequenas histórias, através de imagens. Os fotógrafos, enquanto narradores, "procuram transmitir sensações de um mundo culturalmente diverso e assumir o comprometimento de um autor" (LOMBARDI, 2007, p. 39).

Coloca-se que a narrativa fotográfica não precisa seguir um sentido linear, com início, meio e fim, seguindo formalmente essa organização. Na fotografia, a sequência narrativa pode ser alternada, ou estar apresentada em somente uma imagem. É possível também organizar as imagens a partir de referências cruzadas, que, quando reunidas, sustentam a compreensão feita através da leitura do espectador. No caso da fotografia, "a intenção de usar técnicas narrativas é dar sentido, coerência e quando apropriado, um senso de ritmo a uma imagem ou sequência de imagens" (SHORT, 2013, p. 96).

Para ilustrar a ideia de uma narrativa representada em apenas uma imagem, cita-se o trabalho da artista inglesa Sarah Jones. Em sua fotografia, intitulada como "*The Guest Room*"² (FIGURA 3) a cama se torna um dos motivos principais da

² "O Quarto de Hóspedes" (tradução nossa).

imagem, já que a personagem feminina passa a sensação de desconforto por aparentemente não estar em seu próprio quarto e sua pose traz ao espectador a impressão de uma reação espontânea feita para a situação que a fotógrafa arranjou para tirar a foto.

Figura 3 - The Guest Room de Sarah Jones



Disponível em: <http://dylanhallorancontemporaryphotography.blogspot.com/2011/05/assignment-4-narrative-photography.html>

É comum perceber nas imagens produzidas pela artista, "uma tensão produzida pelo confronto entre o autêntico e o projetado, tanto em termos de imagem quanto de experiência" (COTTON, 2010, p. 61). Em uma entrevista realizada para o site Frieze, a artista Sarah Jones fala sobre a narrativa presente em seu trabalho fotográfico:

Estou interessada em como uma narrativa é construída, mesmo dentro de estruturas muito formais, e carregando motivos em todas as obras. Eu acho que a fotografia deixa essa lacuna onde o espectador pode trazer sua própria narrativa e experiência para a imagem (HOMES, 2008, s/ p., tradução nossa).

Com isso, é possível compreender que da mesma forma que as narrativas fotográficas apresentam referências pessoais e subjetivas dos fotógrafos, elas se manifestam do mesmo modo para o espectador, para que possam incluir suas

experiências privadas pela a leitura destas fotografias. Na narrativa "parece ser permitido que uma história pessoal frequente uma história coletiva, e que uma história coletiva esteja repleta de histórias pessoais" (SOARES, 2015, p 19).

Destaca-se que a fotografia como narrativa pode carregar aspectos documentais, visto que, quanto maior for a inserção do fotografo em seu tema, mais suas imagens carregam experienciais pessoais, transmitindo assim, a sua verdadeira intenção. A partir deste estudo, percebe-se que o contexto em que cada fotógrafo está inserido e a sua forma de registro pode dar um tom específico para o que se considera narrativa.

3. FOTOGRAFIA DOCUMENTAL NA ARTE CONTEMPORÂNEA

Durante muitos anos a fotografia foi vista apenas como objeto de registro e memória. Desde o século XIX, nos primórdios da fotografia, o modelo de fotografia documental começava a se desenvolver. A partir da década de 1930, a fotografia documental se consolidou apresentando características clássicas documentais e os fotógrafos já buscavam representar, através de suas imagens, o caráter social de sua época.

Este modelo documental dos anos 1930, tornou-se legitimado como um modelo padrão na fotografia documental, visto que era baseado no tripé: verdade, objetividade e credibilidade. Sendo assim, a fotografia documental ainda se relacionava diretamente com o fotojornalismo, onde as imagens eram consideradas testemunhos do real. Segundo o inglês Derrick Price (1997), "o arquetípico projeto documental estava preocupado em chamar a atenção de um público para sujeitos particulares, frequentemente com uma visão de mudar a situação social ou política vigente." (PRICE, 1997, p.92 apud LOMBARDI, 2007).

A fotografia documental sofreu uma forte alteração a partir da década de 1950, quando ocorreu a crise das revistas, as quais eram consideradas as principais mídias de divulgação de trabalhos documentais da época. A partir disso a televisão apresentou um grande fortalecimento e "o mercado publicitário deslocou radicalmente seus investimentos em anúncio para a nova mídia, e as revistas acabaram por entrar em decadência" (LOMBARDI, 2007, p.13).

A partir disso, os novos fotógrafos documentais já não tinham mais o mesmo interesse pela tarefa de reformar a sociedade e desencantados com os ideais de reforma que sustentavam o documentário, as novas gerações de fotógrafos documentaristas começaram a buscar novos enfoques, retratando o mundo por outro ponto de vista, sobretudo menos otimista. (LOMBARDI, 2007, p.14).

Sendo assim, a partir dos anos 50, a fotografia documental começa a se transformar e adquirir novos valores, sendo reconhecida como fotografia documental contemporânea. Apresenta-se, a seguir o trabalho da fotógrafa norte-americana Diane Arbus (1923- 1971), para ilustrar como se iniciam as rupturas na linguagem da fotografia documental e como foram provocadas algumas das transformações que dizem respeito a um novo modo de ver e fotografar o mundo (Figura 4).

Figura 4- Retired Man and His Wife at Home in a Nudist Camp One Morning, New Jersey, de Diane Arbus, 1963



Fonte: disponível em: <https://nitidafotografia.wordpress.com/2016/03/24/diane-arbus/>

Diane Arbus foi uma das maiores representantes na fase de desenvolvimento da fotografia documental contemporânea. Em suas imagens está presente tudo o que se mostrava socialmente inadequado e sem encaixe possível na sociedade. Em 1966, recebeu sua segunda bolsa da Fundação Guggenheim e, de posse de uma Rolleiflex8, dedicou-se intensamente a fotografar anões, gigantes, prostitutas e cidadãos comuns com distúrbios psicológicos (Figura 5). Sontag (2004) chegou a comparar o trabalho da fotógrafa com o de um antropólogo que visita nativos para trazer de volta informações sobre seus comportamentos exóticos.

Figura 5 - A Jewish Giant at Home With His Parents In The Bronx, New York, de Diane Arbus 1970



Fonte: Disponível Em <https://Nitidafotografia.wordpress.com/2016/03/24/Diane-Arbus/>

A fotógrafa não possuía a intenção de inserir-se na vida pessoal das pessoas que ela fotografara, muito menos penetrar-se no horror experimentado pelos habitantes desse submundo. Seu objetivo era fotografar somente desconhecidos, visto que:

A câmera é uma espécie de passaporte que aniquila as fronteiras morais e as inibições sociais, desonerando o fotógrafo de toda responsabilidade com relação às pessoas fotografadas. Toda a questão de fotografar pessoas consiste em que não se está intervindo na vida delas, apenas visitando-as (SONTAG, 2004, p. 54).

Arbus se interessava por vidas privadas e secretas, escolhendo fotografar temas que apareciam por acaso em seu caminho, sem associar nenhum valor a eles. Arbus escreve "sinto-me muito pouco atraída a fotografar pessoas conhecidas, ou mesmo temas conhecidos, eles me fascinam quando nunca ouvi falar a seu respeito" (SONTAG, 2004, p. 55).

Diane Arbus encontrou através da fotografia, uma maneira de registrar e se aproximar de experiências, consideradas como adversidades psicológicas e anomalias, e imergindo no encontro entre o que é tabu, cruel e mau. Segundo Sontag (2004, p.55) Arbus descreve que “uma das coisas que me fizeram sofrer na infância, foi que nunca experimentei a adversidade. Vivia confinada numa sensação de irreabilidade e a sensação de estar imune era, por absurdo que pareça, dolorosa”. Seu interesse nestas experiências representa sua vontade de infringir sua própria inocência, considerando que a fotógrafa cresceu com seus pais, de origem judia e rodeada de proteção extrema.

Com a fotografia das gêmeas (FIGURA 6), Arbus foi a primeira mulher fotógrafa norte americana a ter sua obra exposta na Bienal de Veneza, em 1972. É possível compreender que, reunindo a linguagem estética presente na fotografia documental da época com as suas próprias vivências, a fotógrafa desenvolveu uma nova maneira de interpretar e criar sua própria identidade na fotografia documental.

FIGURA 6 - Identical Twins, Rosele, New Jersey, 1967.



Fonte: disponível em: <https://nitidafotografia.wordpress.com/2016/03/24/diane-arbus/>

Desde então a fotografia documental vem tomando diferentes caminhos que se distinguem do documentário clássico, que era baseado nos princípios do

fotojornalismo. Para ilustrar outra linguagem da fotografia documental que começou a se modificar mesmo que sem saber, nas décadas de 1950 e 1960, apresenta-se a fotógrafa americana Vivian Maier (1926-2009), a qual fazia seus registros através do próprio cotidiano.

Em 1951, Vivian Maier começou a trabalhar como babá em Chicago e, sem saber, acabou se especializando em fotografia de rua, visto que em seus dias livres ela fotografava seu cotidiano nas cidades de Nova York e Chicago, a exemplo a Figura 7. Segundo as informações reunidas sobre a fotógrafa após seu falecimento, acredita-se que Maier era uma pessoa reservada, discreta e que possuía uma forte e secreta paixão pela fotografia, por isso, ao longo de sua vida mantinha guardada e escondida todas as fotografias que já havia feito.

FIGURA 7 - Self-Portrait, de Vivian Maier, 1954



Fonte: disponível em: <http://www.vivianmaier.com/gallery>

Em 2007, suas fotografias foram compradas em um leilão pelo agente imobiliário John Maloofs, que manteve durante um tempo os negativos de Vivian guardados. Após revisitar estes negativos, ele resolveu digitalizar todas fotografias de Vivian. Maloofs ficou obcecado por suas fotografias e começou a reunir todo tipo de

material que encontrara sobre a fotógrafa. Foi possível reunir 100 mil negativos das fotografias feitas por Vivian, centenas de rolos de filmes caseiros, entre outros itens, que revelavam além das mudanças sociais e urbanas por volta dos anos 50 em Nova York e Chicago, autorretratos e imagens feitas a partir cotidiano da fotógrafa.

Somente após seu falecimento as fotografias de Vivian Maier foram encontradas e reconhecidas. Desde então John Maloofs permanece arquivando e catalogando todas as imagens encontradas, além de já ter produzido um documentário, intitulado "*Finding Vivian Maier*", com fotografias e informações sobre a fotógrafa, após contatar as pessoas com que ela já havia convivido e trabalhado. John Maloof declara que atualmente noventa por cento das fotografias de Vivian Maier estão arquivadas e reconstruídas e assim, seu trabalho torna-se parte de um renascimento no interesse pela arte da fotografia documental.

Seu reconhecimento veio com a crítica de sua primeira exposição intitulada "A Nova Fotografia de Rua, feita há 60 anos", publicada pelo The New York Times (Figuras 8 e 9). Percebe-se que a obra de Maier carrega um tom pessoal, de cotidiano.

FIGURA 8 - New York, de Vivian Maier



Fonte: disponível em: <http://www.vivianmaier.com/gallery>

FIGURA 9 - Self-Portrait, de Vivian Maier, 1995



Fonte: disponível em: <http://www.vivianmaier.com/gallery>

Através do que foi abordado sobre a história de vida das fotógrafas Diane Arbus e Vivian Maier, aponta-se que os registros por meio de pessoas e instantes considerados banais também expressam significados e subjetividades. A partir da obra dessas duas fotógrafas é possível concluir que a fotografia documental tem características muito peculiares e por isso Charlotte Cotton, destaca como uma das características da Arte Contemporânea, seguindo diferentes caminhos daqueles criados pelos primeiros documentaristas e dessa forma "abriram-se caminhos para novas explorações imagéticas" (LOMBARDI, 2007, p. 19). Suas fotografias apresentam um teor profundamente pessoal, ao representar por meio de uma linguagem documental suas vivências pessoais como foi visto nas vivências fotográficas de Diane Arbus, e nos registros feitos a partir do cotidiano, como foi apresentado nas imagens de Vivian Maier.

3.1 FOTOGRAFIA DE VIDA ÍNTIMA

Acordar, cozinhar, tomar banho, trabalhar, namorar, viajar, tudo isso faz parte da vida íntima e cotidiana. Todas essas ações parecem muito banais e ordinárias para serem guardadas como fotografias, mas segundo a autora Larissa Souza Vasconcellos(2012), por alguma razão, elas possuem alguma importância para serem registradas, podendo ser simplesmente um olhar intimista e afetuoso de perceber o cotidiano e as pessoas que te cercam.

Quando se pensa em fotografia de vida íntima, é possível presumir que as imagens carreguem afetividade e sensibilidade, e de fato é, já que é a partir disso que se baseia esta linguagem fotográfica. É preciso abrir as portas da intimidade e da vida particular para que as imagens carreguem significância.

Para ilustrar este capítulo usa-se como referência o trabalho da fotógrafa americana Nan Goldin, considerada a artista de influência mais óbvia e direta na fotografia de vida íntima. A artista se apropria do cotidiano através de um olhar intimista e afetuoso sendo representado em suas fotografias: "as fotos de Goldin invadiram o circuito das artes quase sem querer: sua motivação original foi fotografar por razões pessoais" (COTTON, 2010, p. 141).

A partir de Nan Goldin e das demais fotógrafas apresentadas neste capítulo, este trabalho busca expressar a relevância de estar completamente presente e conectado com o universo que está sendo registrado. Busca-se revelar, através de ações cotidianas, como estes vínculos são feitos e representados por meio de imagens íntimas e afetuosas e após isso, como é feita uma leitura aos olhos do espectador. Por essas razões, esta pesquisa carrega aspectos emocionais e subjetivos, pois é através das pessoas do círculo pessoal da autora e de momentos cotidianos e significativos, que foi feita a produção final deste trabalho, apresentando a essência desses instantes expressivos.

3.1.1 NAN GOLDIN

É possível observar que uma aproximação maior do fenômeno que está sendo captado, permite que as características técnicas sejam quase esquecidas. As imagens produzidas por Nan Goldin, carregam um aspecto de instantâneos de família,

características de câmeras portáteis usadas por amadores, com flash duro e direto, contendo uma linguagem despreziosa. Porém, ao observar essas fotografias é possível notar uma estreita proximidade entre o fotógrafo e o momento capturado “[...] na qual a intimidade e a imediatez se converteram nas características mais distintivas e significantes de seu trabalho” (GROSENICK, 2005, p. 106). São essas situações corriqueiras que podem ser repetidas diariamente, sem produções e preparações prévias, fruto da surpresa e do instante que tornam essas imagens tão únicas em seu gênero (VASCONCELOS, 2012).

É possível pensar que cuidados como enquadramentos, iluminação e outros detalhes relacionados às habilidades técnicas poderiam ser melhor pensados e evitados no momento de compor as imagens de nossos amigos e familiares. No entanto, é devido à essas deficiências que é possível perceber a importância do instante que determinou a captura de determinado registro das pessoas próximas. Conforme afirma Cotton (2010, p.137), "o uso da fotografia aparentemente inábil é um recurso intencional que assinala a intimidade e o relacionamento entre o fotógrafo e seu tema".

Nan Goldin ganha sua primeira câmera no final da década de sessenta, e a partir disso, a artista documentou como em um diário fotográfico seus relatos cotidianos. Em 1978, Nan Goldin muda-se para Nova York e começa a trabalhar em um hotel como camareira onde realizou suas primeiras exposições. Ela apresentara em forma de slides as sequências de imagens do seu cotidiano e das suas relações, sempre com uma trilha sonora relacionada às suas imagens. Em 1981, Goldin nomeia esse diaporama de *The Ballad of Sexual Dependency*, traduzida como A Balada da Dependência Sexual em homenagem a uma ópera, chamada *Ballad Of Sexual Obsession*, cuja versão em português significa Balada da Obsessão Sexual. Uma das fotografias mais conhecidas dessa sequência é apresentada na Figura 10.

FIGURA 10 - Nan and Brian in Bed, New York City, de Nan Goldin (1983)



Fonte: MoMa. Disponível em: <https://www.moma.org/calendar/exhibitions/1651>

As fotografias de *Nan Goldin*, segundo ela, podem ser um convite para o seu mundo, pois são tiradas a partir dos seus relacionamentos e da sua vida cotidiana. Para ela, essas imagens são feitas com a intenção de que as pessoas possam ser vistas da maneira que ela as compreende, "eu às vezes não sei como me sinto sobre alguém até que eu tire sua foto"³ (Nan Goldin, 1986, p.06, tradução nossa). As pessoas que ela fotografa, não são modelos que ela seleciona, mas sim, pessoas reais que ela convive e se relaciona, ligadas diretamente a sua vida pessoal e íntima, "[...]essas fotos saem de relacionamentos [...]"⁴ (Nan Goldin, 1986, p. 06, tradução nossa). Para ela, fazer com que as pessoas do seu convívio estejam presentes nas suas imagens é uma forma de expressar seu carinho, tendo como motivação fazer com que estas pessoas se sintam especiais, acariciadas com esta convivência de

³ "I sometimes don't know how I feel about someone until I take his or her picture" (Nan Goldin, 1986, p. 06)

⁴ " these pictures come out of relationships" (Nan Goldin, 1986, p. 06)

amizade e sentimentos, [...] meu desejo é preservar o sentido da vida das pessoas, dotá-las da força e da beleza que eu vejo nelas"⁵ (Nan Goldin, 1986, p.07 tradução nossa).

FIGURA 11 - Picnic on the Esplanade, de Nan Goldin (1973)



Fonte: Photo Book Club. Disponível em: <https://photobookclub.org/2011/10/24/matt-johnston-on-the-ballad-of-sexual-dependency-a-personal-reflection/>

Ao conhecer o trabalho de Nan Goldin percebe-se seu vínculo pessoal com o registro de suas fotografias. Goldin sentiu essa necessidade com o fato da perda da sua irmã, que, com o passar do tempo, perdeu-se muitas lembranças que possuía de sua convivência. Isso fez com que ela esquecesse boa parte das recordações de suas feições e temperamento, e por isso a publicação do livro *The Ballad Of Sexual Dependency* é dedicado para ela, sua irmã Barbara Holly Goldin.

⁵ "[...]my desire is to preserve the sense of peoples lives, to endow them whit the strenght and beauty I see in them." (Nan Goldin, 1986, pg. 07)

Goldin afirma que para ela, "[...] a memória permite um fluxo infinito de conexões, os problemas podem ser reescritos, a memória não [...],⁶" (Nan Goldin, 1986, p. 07, tradução nossa), por isso se torna tão perceptível o apego emocional na linguagem visual dos seus registros cotidianos, porque assim como é para a artista, neste trabalho, considera-se que é possível, através das narrativas fotográficas, contar e manter viva as histórias, memórias e conexões de cada indivíduo. Acredita-se que seja realizada por meio do registro destes instantes considerados banais, pode-se possuir as mais significativas memórias, sejam elas de alegria, saudade, dor. É possível criar intimidade através de instantes cotidianos e de convívios. Na representação fotográfica e suas narrativas que estão presente a maior motivação de preservar histórias, pois é por meio destas relações e instantes que momentos podem ser lembrados e contados. Como Nan Goldin nos traz "[...] se cada imagem é uma história, então o acúmulo dessas imagens se aproxima da experiência de memória, uma história sem fim [...]"⁷ (Nan Goldin, 1986, p. 08, tradução nossa).

Nan Goldin também apresenta sua relação com o diário, pois para ela, a narrativa construída através de suas fotografias acabam se formalizando neste aspecto. O que se torna relevante é obter o controle sobre sua vida e suas recordações. Permitir fotografar obsessivamente todos instantes particulares e pessoais considerados significativos, sem se importar com a estética, se desprendendo do glamour criado ao fotografar eventos considerados importantes, criando a possibilidade de preservar suas recordações e histórias de vida. Através destas imagens, feitas para serem anexadas em diário visual, pode-se lembrar do jeito das pessoas com as quais ela se relacionou, dos lugares que passou e dos instantes que viveu "[...] o diário é minha forma de controle sobre minha vida. Permite-

⁶ "[...]memory allows and endless flow of connections, sotires can be rewritten, memory can't[...]" (Nan Goldin, 1986, p. 07)

⁷ "[...] if each picture is a story, then the accumulation of these pictures comes closer to the experience of memory, a story without end [...]" (Nan Goldin, 1986, p. 08)

me gravar obsessivamente todos os detalhes. Isso me permite lembrar ⁸". (GOLDIN, 1986, p. 08, tradução nossa).

É por meio do diário que se torna possível construir uma narrativa através das imagens. Contar, guardar e relembrar histórias de vida ao longo do tempo. Acredita-se que é através da junção dessas imagens que nos aproximamos do que é guardar uma memória. Considera-se então, que as fotografias presentes em um diário possibilitam uma aproximação maior, tornando as memórias palpáveis. Transformam essas lembranças e esse apego emocional em algo material, para ser guardado durante toda uma vida " [...] a memória real com o gatilho dessas imagens é uma invocação de cor, cheiro, som e presença física, a densidade e o sabor da vida [...] ⁹". (GOLDIN, 1986, p.07, tradução nossa). Apresenta-se na Figura 12, um dos registros do aniversário de Goldin.

⁸ "[...]the diary is my form of control over my life. It allows me to obsessively record every detail. It enables me to remember." (Nan Goldin, 1986, p. 08)

⁹ "[...] the actual memory with the trigger of these images is an invocation of color, smell, sound and physical presence, the density and taste of life [...]"(Nan Goldin, 1986, p. 07)

FIGURA 12 - Nan on Brian's lap. Nan's birthday, New York City, de Nan Goldin(1981)



Fonte: Lempertz. <https://www.lempertz.com/en/catalogues/lot/1100-2/789-nan-goldin.html>

De maneira típica é comum tirar fotografias de momentos que são considerados eventos como casamentos, aniversários e ocasiões especiais. "São momentos aos quais queremos nos agarrar, emocional e visualmente" (COTTON, 2010, p. 137). Essas situações podem ser consideradas eventos culturais compartilhados, pois o momento da celebração demonstra as relações agindo favoravelmente. Contudo, "o que se mantém ausente nessas fotos, são as coisas que consideramos culturalmente triviais ou tabus" (COTTON, 2010, p. 138).

Apesar da fotografia de arte se beneficiar da estética dos instantâneos de família, geralmente ela recorre a temas cotidianos, como dormir ou viajar de carro. Porém quando os eventos sociais se agregam aos temas cotidianos é criado um "pastiche de normalidade ou uma intensa sensação de incapacidade das convenções sociais de manter a ordem" (COTTON, 2010, p. 138).

Ao observar a fotografia de vida íntima dentro da arte contemporânea, notamos que ela se diferencia dos instantâneos de família por não serem consideradas eventualidades, nem tão pouco datas especiais ou momentos marcantes que

mereçam ser registrados. As fotografias feitas dentro do gênero da vida íntima possuem também um teor documental pois são registros do cotidiano, e de momentos que talvez sejam considerados irrelevantes pois são repetidos todos os dias, como o simples fato de tomar um banho ou comer. Este tipo de fotografia, condiz à veracidade de se estar presente e relacionado com determinado momento, revelando o caráter emocional daquela imagem, representada através de uma técnica fotográfica informal, como é apresentado na Figura 13. O que cria essa atmosfera de intimidade entre o fotógrafo e seu tema é a linguagem visual intencional de fotografar acontecimentos corriqueiros e usar o descuido dos instantâneos de família na técnica fotográfica.

FIGURA 13 - Brian with The Flintstones, de *Nan Goldin* (1981)



Fonte: Philips. Disponível em: <https://www.phillips.com/detail/NAN-GOLDIN/NY040212/53>

Ainda em Cotton, a autora descreve que através da fotografia íntima, também é possível perceber como realmente são as relações cotidianas e subentender estes relacionamentos, algo como: quais são as primas que mais me relaciono? Qual a tia que mais gosto? Quem tira a fotografia e não aparece? Estas fotografias: "revelam as origens e as manifestações da vida emocional dos indivíduos" (COTTON, 2010, p. 138). Sendo assim, já é possível perceber que através das fotografias de vida íntima, assim como nas fotografias de família, é feita uma distinção pessoal com as relações

de maior afinidade ou de menor intimidade dentro do ciclo de convívio, talvez até, passando despercebido durante o momento da captura (COTTON, 2010, p.138).

3.1.2 CORINNE DAY

Outra fotógrafa que vai ter a fotografia de vida íntima como característica específica da sua produção é a inglesa Corinne Day, que explora sua intimidade e retrata com sensibilidade seu cotidiano. A fotógrafa, autora do livro *Diary* (2000) cuja capa apresenta-se na Figura 14, registra com características de instantâneos, os instantes da sua vida particular e íntima através das relações pessoais. Day conheceu a fotografia artística retratada através da intimidade por meio do trabalho de Nan Goldin, em 1992, após ver o livro "A Balada da Dependência Sexual" em uma livraria de Nova York. Para Day, ver o trabalho de Nan Goldin legitimou a linguagem estética que ela trazia desde quando começara a fotografar sozinha seu bairro e as pessoas que convivia em Milão, morando em uma pensão. Desde o início, para ela, suas fotos já traziam sensibilidade e afetividade " [...] Foi quando estávamos em Milão morando em uma pensão barata que comecei a tirar fotografias que significavam algo para mim. Estas fotografias tinham uma intimidade e uma tristeza sobre elas¹⁰" (DAY, s. d., tradução nossa).

¹⁰ "It was when we were in Milan living in a cheap pensione when I started to take photographs that meant something to me" (Corinne Day <https://www.corinneday.co.uk/autobiography/>)

FIGURA 14- Diary | 05 - 10 -2000, de Corinne Day (2000)



Fonte: Amazon. Disponível em: <https://www.amazon.com/Diary-Corinne-Day/dp/3934923011>

A tendência de Day ao fotografar e publicar seus momentos vulneráveis e privados a partir da sua vida pessoal e seu círculo íntimo, juntamente com os títulos das imagens escritos à mão na publicação de "*Diary*", mostram que "o estilo do livro e as exposições subsequentes, obedeceram a padrões consagrados para a apresentação da fotografia de intimidade" (COTTON, 2010, p. 147). As fotografias do livro remetem com veracidade sua intimidade aos leitores, trazendo consigo um profundo sentimento, por serem imagens do seu cotidiano criando uma grande aproximação entre o autor e o leitor devido à sua estética. É como se, a partir deste livro, a autora estivesse compartilhando momentos da sua história e instantes pessoais e íntimos para o espectador contemplar, como na Figura 15, e assim, "a partir da publicação de *Day*, segue a tradição de *Nan Goldin* sobre a construção de narrativas dentro da fotografia de vida íntima" (COTTON, 2010, p. 148).

FIGURA 15 - Diary | 05 - 10 - 2000, de Corinne Day (2000)



Fonte: Corinne Day. Disponível em: <https://www.corinneday.co.uk>

3.1.3 HIROMIX

Este capítulo cita brevemente a fotógrafa e artista Toshikawa Hiromi, mais conhecida como Hiromix. No seu trabalho estão inclusos autorretratos, imagens de suas viagens, de sua vida cotidiana, suas amigas, ou seja, fotografias descontraídas de sua vida pessoal. Suas fotos carregam um aspecto instantâneo, devido a espontaneidade e a imediatez na qual suas imagens parecem ter sido geradas. Hiromix publicou três livros fotográficos, "*Girls Blue*" (Rockin 'on, inc., 1996), "*Japanese Beauty*" (Magazine House, 1997) e "*Hiromix*" (Steidl Publishers, 1998), usando a estética dos diários de fotografia, conforme Figura 16, Figura 17 e Figura 18, ilustrando através destes registros seu cotidiano, intimidade, relações, e lugares pelo qual a artista passou, além dos seus autorretratos. Hiromix exercia também como profissão, uma carreira de modelo e por isso criou o hábito de incluir-se nos registros, trabalhando no ramo até ser reconhecida como fotógrafa. Hiromix ficou conhecida após ganhar o 11º prêmio *New Cosmos of Photography* em 1995, oferecido pela fabricante fotográfica *Canon*. Após isso, se tornou ícone da cultura *pop* no Japão: "

[...] Suas fotos parecem pertencer a um diário e por isso ela se tornou uma fotógrafa *cult* em sem Japão natal" (COTTON, 2010, p. 155). Em suas imagens é possível notar muitos registros de lugares pelo qual Hiromix transitou e conheceu. Imagens de lugares urbanos, explorando texturas, restaurantes, quartos de hotel.

O estilo de vida documentado em *Girls Blue* é decididamente otimista, concentrando-se no consumismo pop do jovem urbanista de relativa afluência - um estilo de vida dominado por roupas, shoppings, fast-food e jovens, aos quais Hiromix, como seus súditos, claramente assina ... Mas Hiromix, cuja voz fotográfica é incomumente empática, não se arrepende, seu comentário na capa do livro mostra toda a arrogância da juventude: "A fotografia é o lugar onde eu posso expressar tudo ... eu me sinto e pensar em minha vida cotidiana. Não seria compreendido por adultos ou crianças - só nós podemos ver o que é"¹¹ (Badger, 2004, retirado do site: https://josefchladek.com/book/hiromix_-_girls_blue, tradução nossa).

FIGURA 16 - Sem título I



Fonte: https://josefchladek.com/book/hiromix_-_girls_blue

¹¹ "The lifestyle documented in *Girls Blue* is determinedly upbeat, focusing on the pop-consumerism of the young urbanite of relative affluence - a lifestyle dominated by clothes, shopping malls, fast-food outlets, and young men, to which Hiromix, like her subjects, clearly subscribes. ... But Hiromix, whose photographic voice is an unusually empathetic one, is unrepentant. Her comment on the book's jacket shows all the arrogance of youth: 'Photography is the place where I can express all ... I feel and think in my everyday life. It would not be understood by grown-ups or kids - only we can see what it is.'" (Badger, 2004, retirado do site: https://josefchladek.com/book/hiromix_-_girls_blue)

FIGURA 17 - Sem título II



Fonte: https://josefchladek.com/book/hiromix_-_girls_blue

FIGURA 18 - Sem título III



Fonte: https://josefchladek.com/book/hiromix_-_girls_blue

As profissionais citadas neste capítulo possuem uma grande proximidade no que diz respeito aos processos de criação e de inserção no cotidiano, pois suas

fotografias apresentam características bastante íntimas e subjetivas, por revelarem aspectos muito particulares de suas vidas, podendo criar afinidade entre suas imagens e o espectador. Isso torna possível transmitir por meio de imagens a forma que as artistas encontram para expor suas relações, seus momentos de intimidade e suas particularidades cotidianas, evidenciando a possibilidade de transmitir através de imagens consideradas sem glamour e sem produção, sua sensibilidade.

É viável dizer que, ao trazer como referência os registros das fotógrafas citadas, é possível perceber algumas das diferentes perspectivas, quando se refere à fotografia de vida íntima. Ao observar os registros cotidianos de Nan Goldin e Corinne Day, carregados de emoção expressados de maneira transparente, cujos instantes remetem o espectador aos dramas pessoais das suas vidas particulares, é possível captar a essência destes instantes. É possível observar os momentos simples e banais onde os registros são feitos a partir de instantes descontraídos e cotidianos, explorando cores, texturas, lugares, objetos e situações, como no trabalho de Hiromix, que manifesta sem pretensão as ocasiões subjetivas do registro da sua vida cotidiana. Deixam de ser considerados banais por demonstrarem com profunda sensibilidade ao espectador os registros da verdadeira intimidade, presente em momentos não convencionais.

Percebe-se assim, que a fotografia de vida íntima se expressa principalmente de maneira subjetiva, tanto quando é expressada através de imagens poéticas por meio de dramas pessoais, quanto quando é representada de forma despretensiosa como uma narrativa de um diário pessoal. A fotografia de vida íntima é a exibição dos instantes privados da vida.

4. QUERIDO DIÁRIO: 8 DIAS, 96 HORAS, 137 IMAGENS

Desde o princípio o intuito deste trabalho foi transmitir a estética contemporânea de fotografias criadas a partir das relações íntimas e cotidianas da autora por meio de uma produção que explora em um diário visual, os conceitos que relacionam a fotografia documental e a narrativa a partir da vida íntima. O nome escolhido, **QUERIDO DIÁRIO: 8 DIAS, 96 HORAS, 137 IMAGENS**, faz referência ao processo realizado para a obtenção das imagens que integram as páginas do diário. A escolha deste assunto deu-se em função da proximidade da autora com o tema, possibilitando assim que os conceitos investigados e expressos através do processo fotográfico se relacionem de forma mais profunda e poética com esta produção. As imagens estão ligadas ao universo íntimo da pesquisadora e a leitura conceitual não se foca apenas na parte estética, mas no processo como um todo.

Uma influência na escolha deste assunto como fio condutor desta produção fotográfica foi a relação da autora com a obra da artista americana Nan Goldin, que discorre, fundamentalmente, sobre momentos da sua vida íntima e suas relações pessoais. No livro da artista "A Balada da Dependência Sexual" estão presentes momentos privados, com pessoas do seu ciclo íntimo de convivência e é através dessa poética que a autora se identificou desde o primeiro contato com as fotografias de Goldin.

Assim como é visto nas fotografias de Goldin, no **QUERIDO DIÁRIO**, as imagens anexadas também representam parte da rotina da autora, por retratar a importância do seu convívio com as pessoas que são consideradas, de muitas maneiras especiais, principalmente porque carregam um laço de afinidade por estarem presentes em diversos instantes da sua vida.

A obra intitulada "*Diary*" de Corinne Day, serviu como referência para a construção visual do **QUERIDO DIÁRIO**, devido a informalidade na formatação e na própria estética do livro, mas também por criar uma grande proximidade entre a artista e sua obra, devido a singularidade de cada fotografia conter legendas escritas a mão.

Os lugares frequentados e que, de certa forma, transmitem uma carga emocional por parte da autora, é possível relacionar com as fotografias de *Hirromix*, pois é recorrente em seu trabalho o uso de perspectivas que exploram texturas, objetos e ambientes cotidianos.

Para representar de forma pontual a construção do diário visual e manifestar através das imagens tanto a fotografia documental como a narrativa, foi estipulado que os registros seriam realizados no decorrer de oito dias, a cada hora, durante doze horas por dia. Com essa rotina de registros, a veracidade das fotografias, como um todo, não ficaria sujeita a seleção por parte da autora, do que seria mais relevante para ilustrar as páginas do diário.

Optou-se por usar da fotografia analógica no desenvolvimento criativo deste trabalho pela familiarização da autora com o formato e também devido a relação deste suporte com as demais fotógrafas citadas como referência. Dado que, a fotografia analógica permite criar com mais facilidade um envolvimento afetivo e íntimo por se distanciar da produção massiva de imagens feitas com outros tipos de suportes. Sendo assim, foi necessário demonstrar uma evidente relação nos instantes fotografados por parte da autora, visto que:

a fotografia analógica permite criar atmosferas que estimulam a memória, evocando uma história e criando novas temporalidades da imagem. Com a fotografia digital, a imagem de arquivo tem mais dificuldades em impor-se, porque o tempo não se inscreve fisicamente, o que enfraquece a força documental (GIL, 2009, p.06).

A primeira tentativa, apresentada nas Figuras 19, 20 e 21 realizada entre os dias 03 a 10 de maio de 2018, tanto o processo, quanto o resultado final, não condiziam com as intenções da autora. Parte das complicações técnicas foram em decorrência da pouca familiarização com o equipamento utilizado, uma câmera Yashica FX3, gerando desfoques indesejados. O primeiro filme fotográfico utilizado foi o Fujifilm SUPERIA X-tra, ISO 400, que puxa tons mais frios onde o verde e o azul eram predominantes, o que não era o resultado esperado. Considerando que, segundo a psicologia das cores a mescla do verde com o azul transmite a sensação de apatia e frieza. Ressalta-se que a autora estava muito presente em um ambiente

no qual não sentia-se familiarizada, resultando na repetição de um cenário parecido em todas as fotos.

FIGURA 19 - 18:00h da segunda-feira, dia 07/05/2018.



Fonte: feita pela autora.

FIGURA. 20 14:00h da terça-feira, dia 08/05/2018.



Fonte: feita pela autora.

FIGURA 21 - 16:00h da quinta-feira, dia 10/05/2018



Fonte: feita pela autora.

Apesar de não ter sido o resultado desejado para a apresentação final, a autora não considera que as fotografias não tenham valor ou qualidade, e sim que não condiziam com as características necessárias para caracterizar um diário visual do seu cotidiano.

Após estabelecer as considerações anteriores, a autora decidiu recomeçar sua produção fotográfica introduzindo novos cuidados. Sendo assim, optou-se por manter o uso da câmera Yashica FX3, e substituir os filmes fotográficos para o Kodak ColorPlus Iso 400, a fim de obter tons mais quentes e criar uma atmosfera de aconchego e familiaridade nas imagens. Foi mantido o conceito que os registros seriam realizados no decorrer de oito dias, a cada hora, durante doze horas por dia.

Desta forma, a segunda tentativa iniciou-se no dia 22 seguindo até o dia 29 de maio de 2018. No dia de iniciar novamente os registros, o céu estava azul, o sol radiante e tudo parecia estar harmônico. Após o período de execução, os filmes foram revelados e o resultado obtido foi satisfatório, visto que o objetivo era transmitir com veracidade sua relação com as pessoas e os lugares frequentados em suas imagens.

Em seguida as fotos foram organizadas e diagramadas em sequência, para seguir a ordem cronológica dos dias e das horas fotografadas para a montagem do diário. Após a impressão optou-se por escrever as legendas a mão para criar uma aproximação entre a autora, a obra e o espectador.

Com isso, o QUERIDO DIÁRIO, apresenta a criação de uma narrativa fotográfica, a partir dos conceitos de fotografia documental na vida íntima, mostrando através da construção de imagens subjetivas, a importância das relações e a vida cotidiana na construção de uma linguagem pessoal para se expressar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este Trabalho de Conclusão de Curso cabe fazer algumas considerações sobre os propósitos que conduziram a pesquisa teórica e a prática fotográfica da criação do diário. Buscou-se apresentar uma produção fotográfica desenvolvendo uma narrativa através da fotografia documental de vida íntima, ancorada no aporte teórico e referências visuais, para apresentar de maneira legítima os conceitos presentes em um diário visual.

A partir do registro fotográfico das relações pessoais foi possível perceber com maior clareza como decorrem os relacionamentos íntimos entre as pessoas, uma vez que cada indivíduo carrega dentro de si um mundo a parte, e diversos momentos importantes. E através deste convívio as experiências dialogam contribuindo para a construção subjetiva de uma linguagem visual.

Dessa forma foi possível perceber uma forte relação entre a produção das fotógrafas e artistas citadas neste trabalho, com o diário visual criado neste TCC, visto que cada uma delas criou através da suas vivências e experiências pessoais um meio de se expressar.

No capítulo da fotografia como narrativa foi possível concluir que quanto maior for a proximidade e a inserção do fotógrafo com seu tema, mais claro será o entendimento por parte do espectador, deixando, desse modo, mais evidente sua intenção. Também é possível concluir que uma narrativa fotográfica pode consistir somente em uma imagem, do mesmo modo que pode-se contemplar uma narrativa estabelecida em uma sequência de imagens.

No capítulo da fotografia documental na arte contemporânea percebeu-se que a fotografia documental encontra-se passando por mudanças a todo momento, pois conforme a sociedade se desenvolve, novas linguagens ela irá apresentar. Com base em suas transformações, a fotografia documental contemporânea passou a abranger um vínculo visível com a vida particular do fotógrafo, pois da mesma forma que já foi trazido antes, a fotografia documental também fundamenta-se a partir de que quanto maior for a proximidade e a inserção do fotógrafo com seu tema, mais veracidade será manifestada nas suas imagens.

Dessa forma foi possível contextualizar como a fotografia de vida íntima atua de maneira subjetiva, pois conclui-se que por sempre estar relacionada diretamente com a vida e o cotidiano do fotógrafo ela irá apresentar tanto uma linguagem por meio da narrativa, quanto da fotografia documental. Pode-se concluir o quanto são importantes as vivências e as experiências pessoais na construção de uma linguagem fotográfica.

Sendo assim, o QUERIDO DIÁRIO materializa de forma objetiva (e subjetiva) o que foi abordado sobre a fotografia narrativa e a fotografia documental neste Trabalho de Conclusão de Curso, por apresentar a relação direta por parte da autora com a temática desenvolvida, representando sua linguagem através da fotografia de vida íntima, a partir da completa inserção nos instantes da sua vida pessoal e cotidiana.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

ABBE, Dan. **Hiromix**. 2013. Disponível em: <<http://blog.mcvmcv.net/tag/hiromix/>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

ALMEIDA, Gabriela Machado Ramos de. **As Narrativas Visuais de Nan Goldin: : Fotografia, Arte, Cinema**. 2013. Disponível em: <<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/1161/911>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

BADGER, Garry. **The Photobook: A History volume I, Hiromix**. Tokyo: Rockin' On Inc, 1996.

CHLADEK, Josef. **Hiromix - Girls Blue**. Sem data. Disponível em: <https://josefchladek.com/book/hiromix_-_girls_blue>. Acesso em: 21 mar. 2018.

COGHE, Alex. **HIROMIX 利川 裕美 : GIRLS POWER**. 2013. Disponível em: <<http://www.alexcoghe.com/hiromix-利川-裕美-girls-power/>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

COSTA, Guido. **Nan Goldin**. Londres: Phaidon, 2010. 1 v.

COTTON, Charlotte. **A Fotografia Como Arte Contemporânea**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2010. 248 p. Tradução: Maria Silva Mourão Netto.

CREWDSON, Gregory; ROHATYN, Jeanne Greenberg; HOMES, Amy M.. **Another Girl, Another Planet**. 1999. Disponível em: <<http://www.vandorenwaxter.com/exhibitions/another-girl-another-planet>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

DAY, Corinne. **Autobiography**. Sem data. Disponível em: <<https://www.corinneday.co.uk/autobiography/>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

FIGUEIREDO, André. **Psicologia das Cores na Fotografia**. 2014. Disponível em: <<http://www.convexa.com.br/psicologia-das-cores-na-fotografia/>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

FIGUEIREDO, Suelen. **Lançada no Brasil biografia de Vivian Maier**. 2014. Disponível em: <<http://iphotochannel.com.br/fotografia-de-rua-2/lancada-brasil-biografia-de-vivian-maier>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

GIL, Inês. **Filme, Fotografia e Memória Invisível**. Sem data. Disponível em: <[http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/714/Filme, Fotografia e Memória Invisível.pdf?sequence=1](http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/714/Filme,%20Fotografia%20e%20Mem%C3%B3ria%20Invis%C3%ADvel.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 07 jun. 2018.

GOLDIN, Nan. **The Ballad of Sexual Dependency**. Italia: Aperture, 2012. 147 p.

GROSENICK, Uta. **Mujeres Artistas de los Siglos XX y XXI**. Espanha: Taschen America Llc, 2005.

HIROMIX. [20--]. Disponível em: <<http://www.photoarts.com/journal/romano/hiro/>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

HOMES, Amy M.. **Still Life**. 2008. Disponível em: <<https://frieze.com/article/still-life>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

JONES, Kristen M.. **Sarah Jones**. 2002. Disponível em: <<https://frieze.com/article/sarah-jones>>. Acesso em: 17 maio 2018.

LOMBARDI, Kátia Hallak. **DOCUMENTÁRIO IMAGINÁRIO: Novas potencialidades na fotografia documental contemporânea**. 2007. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Ufmg, Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lombardi-katia-documentario-imaginario.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2018.

MALLOF COLLECTION. **VIVIAN MAIER: A PHOTOGRAPHER FOUND**. 2014. Disponível em: <<http://www.vivianmaier.com/vivian-maier-books/vivian-maier-photographer-found/>>. Acesso em: 28 mar. 2018

NÍTIDA. **Diane Arbus**. 2016. Disponível em: <<https://nitidafotografia.wordpress.com/2016/03/24/diane-arbus/>>. Acesso em: 01 maio 2018

OLIVEIRA, Luma Santos de. **O Registro de um Universo Íntimo: Análise Semiótica da Fotografia de Nan Goldin**. 2013. Disponível em:

<<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1809-1.pdf>>.
Acesso em: 08 abr. 2018.

PINTO, Mariana Correia. **Vivian Maier: a vida secreta da ama-fotógrafa vai dar origem a um documentário.** 2013. Disponível em:
<<https://www.publico.pt/2013/02/19/p3/noticia/vivian-maier-a-vida-secreta-da-ama-fotografa-vai-dar-origem-a-um-documentario-1816496>>. Acesso em: 18 abr. 2018

PHOTOBOOKSTORE. **Hiomix - Girls Blue.** 2012. Disponível em:
<<https://vimeo.com/38562415>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

PHOTOBOOKSTORE. **Corinne Day - Diary.** 2014. Disponível em:
<<https://vimeo.com/91401791>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

REIS FILHO, Osmar Gonçalves dos; VASCONCELOS, Larissa Souza. **Da porta para dentro: Nan Goldin, Cia de Foto e as poéticas da intimidade na fotografia contemporânea.** 2012. Disponível em:
<<http://www.redalyc.org/html/4656/465645974014/>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

ROYAL COLLEGE OF ARTS (Londres). **Sarah Jones.** [20--]. Disponível em:
<<https://www.rca.ac.uk/more/staff/sarah-jones/>>. Acesso em: 14 maio 2018.

SANTANA, Cinthia. **Mulheres nas Artes: A Fotografia Suja e Bela de Nan Goldin.** 2015. Disponível em: <<https://www.modifica.com.br/mulheres-nas-artes-a-fotografia-suja-e-bela-de-nan-goldin/#.WzAs7adKg2y>>. Acesso em: 26 mar. 2018.

SHORT, Maria. **Contexto e narrativa em fotografia.** São Paulo: Gustavo Gili, 2013. 175 p. 1 v.

SOARES, Nicolas. **O Intimo Na Fotografia Contemporanea: A Narrativa no Processo Criativo Fotografico.** 2015. 130 f. Tese (Mestrado) - Curso de Artes, Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015. Disponível em: <http://dspace2.ufes.br/bitstream/10/2129/1/tese_8913_Nicolas_Soares-O_intimo_na_fotografia_contemporanea.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2018.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia.** 5. ed. São Paulo: Schwarcz, 1977

TAYLOR-JOHNSON, Sam. **Soliloquy, 2001, 1998, 1999, 2000.** 2001. Disponível em: <<http://samtaylorjohnson.com/photography/art/soliloquy-1998-2001>>. Acesso em: 28 maio 2018.

APÊNDICE – RELATO PESSOAL

Para descrever meu processo criativo neste trabalho de conclusão de curso, tomo a liberdade para escrever em primeira pessoa, visto que meu tema é representado através de um diário pessoal e as fotografias aqui presentes tem uma extrema conexão com a minha vida pessoal e íntima. Nas imagens contidas no diário estão presentes as pessoas que eu me relaciono e que também são consideradas importantes no meu desenvolvimento como ser humano, além dos lugares que eu frequento e me sinto acolhida.

Percebi que durante minha rotina quando passo por determinados lugares, acabei criando associações daquele espaço com memórias de situações vividas. Ou também, quando chega o final da tarde, sempre paro para respirar, pensar e sentir como foi meu dia e neste momento, penso nos privilégios que eu tenho nessa vida e agradeço ao Universo por poder sentir tanta harmonia com relação ao meu ser e o mundo ao meu redor. Falo isso, porque esses suspiros de plenitude muitas vezes estão relacionados com situações que tive a sorte de viver com as pessoas que convivo e tive a chance de conhecer e trazer para dentro da minha vida.

Com este trabalho de conclusão de curso, pude perceber muitas coisas que se fazem presente na minha forma de existir, e eu acredito que a principal delas é que eu amo pessoas, eu amo me aproximar das pessoas e eu amo me relacionar com pessoas. Quando penso nisso, percebo que gostaria de poder tê-las sempre perto de mim e que seria muito especial poder eternizar momentos da minha relação com elas. E foi por causa desse anseio que a fotografia se tornou mais presente na minha vida.

Através da fotografia criei uma forma diferente de perceber meu cotidiano e minha rotina, criei uma nova concepção de explorar minha percepção ao observar meus dias e minhas relações. Minha rotina deixou de ser somente uma rotina comum, onde tudo é feito automaticamente, e comecei a observar com sensibilidade e consciência o passar das horas durante o decorrer dos dias cotidianos.

A fotografia passou a ter um novo significado para mim, por tornar possível recordar instantes e pessoas que marcam emocionalmente a trajetória da minha vida. Porque com o decorrer do tempo, saber que existe a possibilidade de poder pegar na

mão as fotografias e ver através dessas imagens os momentos vividos em lugares especiais com pessoas que por algum motivo particular são importantes, faz com que muitos pensamentos e sentimentos possam ser revividos.

Durante a vida, muitas pessoas deixam de fazer parte do nosso convívio, algumas destas pessoas são extremamente especiais, mas por algum motivo elas podem acabar se afastando. Algumas pessoas nós deixamos de ver por conta da distância, ou porque o tempo acabou afastando naturalmente e outras pessoas porque um ciclo foi finalizado e foi preciso seguir em frente e deixar certos convívios para trás. Assim é também com os lugares que já foram freqüentados. Alguns lugares nós sabemos que não iremos mais poder voltar, devido a distância e outros porque não se possui mais uma vínculo, se tornando inviável retornar.

É possível dizer que tudo na nossa vida é efêmero, tudo muda com o passar do tempo. O tempo transforma em efêmera toda a existência e todo o pensamento e sendo assim, tudo se torna diferente a cada instante, seja no lugar onde estamos morando, porque mudarmos de cidade, ou porque mudamos os objetos e os móveis dentro de casa de lugar, ou até mesmo as pessoas que estamos nos relacionando, namoros terminam, amigos brigam e se distanciam, novas amizades surgem e assim criamos novas afinidades, e mesmo com todas essas mudanças durante nossas vidas com a fotografia se torna possível trazer para o presente esses instantes passados.